

Anais XVII Semana de Psicologia da UEM IX Seminário de Pesquisa  
da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
*Saúde Mental: As Dimensões Políticas da Psicologia* - 24 a 27 de  
Outubro de 2016

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

**ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR E BULLYING ENTRE ALUNOS DE  
SALA DE RECURSOS E SALA DE ENSINO COMUM**

Telma da Silva Rodrigues, PDE, Colégio Estadual do Jardim Independência, Sarandi-PR

<sup>1</sup> Sonia Mari Shima Barroco, Fundação Araucária, DPI/PPI, UEM, Maringá-PR, Brasil<sup>2</sup>.

Contato: smsbarroco@uem.br

**RESUMO**

O trabalho vincula-se ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE-Pr), cujo processo formativo deu-se entre 2014-2015. Refere-se às relações de violência e *bullying* que permeiam o cotidiano escolar envolvendo alunos com e sem deficiência, bem como às estratégias combativas às mesmas. À luz da Psicologia Histórico-Cultural, nossos objetivos foram: entender como ocorre a violência escolar e o *bullying* e suas implicações junto aos envolvidos; conscientizar os alunos quanto às práticas violentas no contexto escolar; auxiliar alunos da educação básica para o enfrentamento de tais conflitos. A metodologia envolveu estudos teóricos de publicações sobre *bullying* e violência na escola envolvendo sujeitos com e sem deficiência, cujos resultados nem sempre são conclusivos sobre as suas causas e os enfrentamentos possíveis. Disso derivou a proposta de intervenção junto aos alunos, o que se configurou numa oportunidade ímpar de se trabalhar na formação específica de tais educandos, com vistas à outra prática escolar. Tal estratégia de ação, constituída por oito encontros quinzenais, contou com a participação de quinze alunos, tendo como procedimentos a exibição de filmes relacionados à temática central, debates sobre os mesmos, reflexões a partir da sensibilização dos alunos em relação à diversidade, à deficiência, à produção e reprodução de preconceitos. Os resultados foram positivos, gerando a expectativa de continuidade da proposta, visto que a construção da escola inclusiva abrange a temática do enfrentamento à violência, forma de interação que revela estados de alienação, isto é, de comprometimento do processo de formação humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência na Escola. *Bullying*. Educação Especial.

**INTRODUÇÃO**

O trabalho vincula-se ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE-PR), que é uma política pública de Estado regulamentado pela Lei Complementar nº 130/2010 (PARANÁ, 2010)<sup>3</sup>, que estabelece um processo de formação em serviço envolvendo professores do ensino superior e da educação básica, por meio de atividades teórico-práticas orientadas, buscando a produção de conhecimento e mudanças qualitativas na prática escolar da escola pública paranaense. Além disso, também se atrela à pesquisa interinstitucional envolvendo a Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal de Rondônia (Unir), intitulada *Alternativas para enfrentamento da*

<sup>1</sup> Professora PDE, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), professora da Rede Estadual de Ensino (SEED-PR). E-mail: thelmasrod@seed.pr.gov.br

<sup>2</sup> Pós-doutorado pelo Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano -USP-SP, professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), orientadora do PDE.

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

*violência na educação básica: uma demanda à psicologia escolar* (Protocolo Nº: 22338, Convênio: 248/12)

A formação PDE em questão teve-se como objetivo geral compreender como a violência escolar e o *bullying* ocorrem na relação cotidiana dos alunos com ou sem deficiência, no espaço da escola. De forma específica, os objetivos foram: *i*) entender como ocorrem a violência escolar e o *bullying* e quais suas implicações aos envolvidos; *ii*) empregar estratégias de ação que promovam a sensibilização e tomada de consciência dos alunos, quanto às práticas de violência e *bullying* no contexto escolar; *iii*) *empoderar* os alunos com conhecimentos efetivos que os capacitem a superação de tais conflitos; *iv*) desenvolver trabalho pedagógico junto aos educandos sobre questões que envolvam a violência escolar e o *bullying*, sob a perspectiva da Psicologia Histórico-cultural.

Destacamos que, grosso modo, *bullying* é um termo inglês que se refere à violência ocorrida de maneira repetida contra uma mesma vítima e na qual existe desequilíbrio de poder. O termo *violência*, é definido pelo Dicionário Brasileiro Globo (1998, p. 640), como: “Qualidade do que é violento; abuso da força; tirania; opressão; veemência; ação violenta; coação física”. De modo geral, o termo violência, pode relacionado à violência física, a maus tratos, a atos de agressões e à criminalidade. No entanto, estes não são os únicos sentidos admitidos para o termo violência, já que ela pode ocorrer de outras formas, abrangendo desde manifestações subjetivas, de cunho psicológico, às veladas, dentre outras expressões não necessariamente físicas, como, por exemplo, o *bullying*.

A ocorrência do fenômeno *bullying* no espaço de sala de aula não deve passar de forma descuidada a um profissional da educação, “(...) por tratar-se de um fenômeno social de grande relevância e por possuir características peculiares que podem ser identificadas” (FANTE, 2012, p. 15). A autora aponta que a escola precisa prevenir a violência e o *bullying* no espaço de sala de aula. Porém, para que isso ocorra, todos os envolvidos na comunidade escolar devem ser preparados para atuarem na melhoria do ambiente escolar e das relações interpessoais (FANTE, 2012). Tal perspectiva amplia a discussão do *bullying* para além da sala de aula, o que envolve todo o ambiente escolar.

Sabe-se que a ocorrência de práticas violentas, tanto físicas quanto morais, não têm como *locus* exclusivo o ambiente escolar, já que ocorrem nos diversos espaços sociais nos quais o homem contemporâneo se constitui, inclusive a escola. Segundo Lopes Neto (2005, p. 165), “a violência escolar corresponde aos comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, entre outros”. A esse aspecto também ponderamos, com base em Barroco e Franco (2013) que a violência não é da escola, tida como violência escolar, mas do ser humano que encontra nessa forma um modo de se reproduzir enquanto gênero humano singular. Daí defendem a terminologia *violência na escola*.

Ao fazermos o levantamento bibliográfico para os estudos, notamos que são escassos os trabalhos sobre a temática violência escolar/na escola e *bullying* envolvendo o aluno da modalidade educação especial, foco deste trabalho. Observamos que diversos estudos a tratam em seu aspecto generalista, no entanto, sendo raras as publicações que abordam tal discussão no que tange à violência sofrida e praticada pelos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE).

A justificativa da escolha por essa temática teve origem nas inquietações decorrentes do cotidiano escolar, este universo sob o qual a presente professora PDE está diretamente envolvida há cerca de 20 anos, com docência no ensino regular e especial, e nas pesquisas e atuações da professora orientadora desde 1997. Tais experiências permitiram que ao longo deste período fosse possível observar um processo de mudanças na própria educação, principalmente

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

no que se refere à educação inclusiva, na formação e atuação de professores, nos alunos, bem como nos suportes legais que sustentam o sistema educacional brasileiro. Porém, mesmo com todo o amparo das leis, notamos que a inclusão ainda não é plenamente compreendida pelos envolvidos.

Neste íterim, conforme se dava o aprofundamento teórico diversos questionamentos apresentaram-se, sendo que estes provocaram reflexões acerca de questões relacionadas à violência na escola e ao *bullying*. O que leva um aluno ou grupo de alunos a humilhar, intimidar, apelidar ou até mesmo a perseguir um colega *mais fraco* e impossibilitado de se defender, seria intolerância, busca de satisfação ao causar sofrimento alheio, ausência plena de alteridade, ou simplesmente a manifestação de que existem conflitos interpessoais não resolvidos em tais relações? Seria uma forma de imitação e de reprodução das relações sociais instituídas, nas quais é preciso subjugar alguém (ou uma classe social), expressando alto grau de alienação? No âmbito da educação especial ou inclusiva tais inquietações merecem atenção, visto que as necessidades especiais não são impedimento para essas relações de imposição e domínio de um sobre outrem.

Ante o exposto, a perspectiva teórica adotada não trata o aluno com NEE como vítima (até porque ele pode reproduzir pessoalmente as relações de dominação e ser alvo delas também), em uma relação na qual o aluno do ensino comum se constitua como o único causador da relação conflituosa que se dá no processo de inclusão. Seria preciso considerar a relação entre todos os educandos que de alguma maneira são discriminados e postos à margem de mediações enriquecedoras - aquelas que permitem à educação escolar um papel revolucionário em suas vidas. Pressupomos que o trabalho educativo se constitua como elemento essencial de humanização da pessoa, com ou sem deficiência.

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O estudo formativo PDE envolveu pesquisa de cunho bibliográfico, que por meio da revisão de literatura, buscou configurar o 'estado da arte' no que se refere à temática da violência na escola e *bullying*, processo de exclusão e inclusão na perspectiva da educação inclusiva, considerações sobre aprendizagem e desenvolvimento. A fundamentação teórica teve como referência a leitura de artigos, documentos oficiais, bem como de teses e dissertações referentes ao tema. Consideramos que estudar as relações de violência na escola e *bullying* no cotidiano escolar é de suma importância para mais bem se conhecer tal realidade, bem como definir estratégias assertivas para intervir junto a ela.

Também implicou em uma intervenção pedagógica, requerida pelo PDE, desenvolvida no segundo semestre de 2015, em um colégio estadual da região noroeste do Paraná, tendo como público-alvo 15 alunos da educação básica. A partir da divulgação dessa atividade, por meio de cartazes, recados e outras formas de comunicação verbal, este grupo se formou espontaneamente, conforme o interesse, constituído por alunos com NEE, com altas habilidades e superdotação (AH/SD) e da sala de recursos.

Para a implementação pedagógica, buscando levar ao alunado o conteúdo estudado, optamos pela utilização de filmes como recurso didático-pedagógico. Conforme Carvalho (1998), as obras cinematográficas trazem à tona paixões, interesses e sentimentos que permeiam as lutas sociais, revelando algo que está para além da produção artística, mas que na realidade tem significado para toda a humanidade. O conhecimento dos fatos, dos conflitos, bem como das contradições sociais são formas encontradas pelos sujeitos para o enfrentamento e superação

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

de problemas futuros. No âmbito da educação, esta prática é condição fundamental para o desenvolvimento de uma ação educacional mais coerente e consistente.

Sob essa percepção de trabalho com as produções cinematográficas, estabeleceu-se os critérios para a seleção do acervo. As fontes fílmicas foram escolhidas a partir dos objetivos pretendidos para cada encontro. Dentre as oito obras selecionadas, buscou-se aquelas que abordassem a temática da violência e do *bullying* na escola, bem como as que apresentassem temáticas sociais e educacionais relacionadas, e ainda discutissem a problemática da pessoa com deficiência.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### **Pesquisa bibliográfica: bullying e violência na escola**

Elegemos a Psicologia Histórico-Cultural (PHC) como perspectiva para os estudos acerca da violência e do *bullying* na escola, por considerá-la capaz de apresentar subsídios teórico-metodológicos consistentes para a formulação, apreensão e análise da temática abordada. Neste sentido, entende-se que a PHC apresenta propostas de enfrentamento ao fenômeno da violência escolar e do *bullying*, uma vez que considera o homem um ser concreto, resultado de diversas relações sociais e em constante processo de desenvolvimento. O ser humano entendido nessa perspectiva formativa permite à educação escolar intervir junto a ele, visto não estar sujeito à determinantes genéticos – sobre o que a educação não teria o que fazer. Assim, essa concepção possibilita identificar como a violência se manifesta, bem como suas causas e suas relações com outros fatos histórico-sociais, não sendo explicada apenas por fatores de caráter subjetivo e particular impactando sujeitos formados aprioristicamente.

Por esse modo, a compreensão do que seja violência assume diversas concepções, dependendo da perspectiva com que se analisa o fenômeno. Investigações a respeito têm sido realizadas por estudiosos de diferentes países, demonstrando a amplitude do problema. Aqui destacaremos autores do Brasil, da França e da Noruega.

Do Brasil, Candau (2012) destaca a dificuldade em conceituar o termo afirma que em geral, a sociedade e os meios de comunicação social relacionam violência à criminalidade e à agressão física e se preocupam com o tema somente quando “fatos desta natureza causam especial impacto na vida social” (p. 140), sobretudo quando são divulgados com alarde pela mídia - gerando audiência e decorrente comoção social. A autora defende que “(...) a violência não pode ser reduzida ao plano físico, mas abarca o psíquico e moral [...] o que especifica a violência é o desrespeito, a coisificação, a negação do outro, a violação dos direitos humanos” (p. 140). Abramovay (2002) também considera a diversidade de concepções e linhas de abordagens, destacando também a difícil tarefa em conceituar o termo. Lopes Neto (2005), por sua vez, destaca que mais que o termo, o espaço social de ocorrência da violência é essencial, destacando que embora tal fenômeno ocorra no ambiente escolar, não é exclusividade deste, já que neste ambiente apenas se refletem as práticas de outros espaços sociais.

Da França, Debarbieux (2002, p. 17, 18), assinala ser um erro “fundamental, idealista e anti-histórico acreditar que definir a violência [...] consista em aproximar-se o mais possível de um conceito absoluto [...] um encaixe preciso entre a palavra e a coisa”. Por constituir-se num conceito que é “ineficaz devido à sua generalidade”, acrescenta que não é possível “haver conhecimento total sobre a violência e sobre a violência social na escola, porque tudo o que nos é possível é obter representações parciais dela”. Neste sentido, o autor julga que a diversidade de representações a respeito do termo ‘violência’ é salutar.

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

Mais do que definir conceitualmente, é importante posicionar a questão da ‘violência’ no tempo e no espaço. Segundo Debarbieux (2012, p. 21), é imprescindível demonstrar que “[...] a violência tem uma história, que ela não aparece de repente e que ela é previsível, porque é socialmente construída”. Neste sentido, o autor destaca que pesquisadores europeus perceberam uma tendência da mídia em “usar a violência como desculpa para a repressão e o conservadorismo”, ou seja, pretextos para a manutenção e o aumento de seus mecanismos de controle, autoridade e poder.

Da Noruega, destacamos os estudos sobre o *bullying*, tido como a principal categoria de violência escolar, sendo estudado desde o final da década de 1970. Há cerca de trinta anos o professor Dan Olweus começou a desenvolver pesquisas acerca da ocorrência de *bullying* no cotidiano escolar. Em 1993 Olweus, pioneiro no estudo do referido tema, comandou uma campanha nacional contra o *bullying* nas escolas norueguesas, sendo que seus estudos se tornaram referência para os países europeus, tendo posteriormente seu reconhecimento em nível mundial (ELIAS, 2011, p. 17, 18).

Sobre a definição de *bullying*, apesar de genericamente associada ao sentido de violência, como já foi apontado inicialmente, apresenta uma conceituação mais delimitada. Em língua portuguesa não há tradução específica para o termo *bullying*, contudo, Cunha (2009) propõe a utilização da terminologia “vitimização entre pares” para se referir a tal fenômeno. Embora este pesquisador tenha feito amplo estudo a respeito, como pode ser constatado, esta terminologia não se firmou no âmbito acadêmico e nem na sociedade em geral.

Para Elias (2011, p. 19), o *bullying* abrange um conjunto de diferentes tipos de violência, sendo que necessariamente deve apresentar as seguintes características: intenção de causar sofrimento na vítima; comportamento por repetição; impossibilidade da vítima em defender-se; “relação de domínio-submissão entre o(s) agressor (es) e a vítima; presunção de impunidade do agressor; afirmação dos agressores de que suas atitudes são brincadeiras”.

Percebemos o aumento da violência discriminatória no espaço da escola, pois aquele que não se ajusta aos padrões convencionados, impostos em sua maioria pela mídia e ratificados pela sociedade, ficam sujeitos à rejeição. A discriminação configura-se em ato de violência que está diretamente ligada a prática do *bullying*, tendo como exemplos “a violência de gênero e o sexismo, o racismo, a homofobia, o tratamento indigno a alunos com deficiência ou de determinadas condições sociais e econômicas” (ELIAS, 2011, p. 21).

Assim, no contexto exposto, o *bullying* se constitui em uma das principais, se não a principal, representação de violência na escola por apresentar consequências negativas imediatas e implicações no longo prazo, gerando problemas acadêmicos, sociais e afetivos, estes ligados diretamente à frequência, severidade e duração de tais atos (LOPES NETO, 2005). Desta forma, observamos que a violência na escola e o *bullying* são fenômenos que não podem ser analisados fora do contexto que os faz emergir, desenvolver-se e gerar diferentes consequências, visto que envolvem questões históricas, sociais e culturais.

Como vimos, a conceituação sobre os termos violência e *bullying* não se trata de uma tarefa simples, sobretudo quando se refere ao ambiente escolar. Considerando as diferentes correntes teórico-metodológicas, percebe-se a diversidade de concepções, ideologias e condições de produção do conceito que justificam a não sintetização do mesmo em uma aceitação universal. Concebemos que a definição do que seja violência e *bullying* depende da inscrição do mesmo na história, ou seja, considerar a materialidade do fato ou fenômeno levando em conta a realidade histórico-cultural na qual os sujeitos estão inseridos é questão *sine qua nom*.

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

No que se refere às pesquisas acadêmicas de cunho teórico-empírico a respeito da violência na escola ou violência escolar, destacam-se os trabalhos de Sposito (2001), Abramovay (2002) e Elias (2011), que contribuem na composição do ‘estado da arte’ sobre as investigações relacionadas ao tema, ao menos no que se refere ao contexto brasileiro. De forma complementar, especificamente sobre a questão da violência e o aluno com NEE, um achado importante foi o trabalho de Williams (2003).

Para Sposito (2001), na década de 1980 imperava o consenso de que os prédios escolares precisavam de proteção e policiamento, ou seja, as preocupações quanto à violência eram de ordem material. Já no início dos anos 1990, a violência nas escolas teve como foco a interação entre os grupos de alunos, tornando-se mais complexa. O final desta década é marcado pelas iniciativas públicas em mitigação dessas violências na escola, o que aponta modificações em relação ao padrão de violência no ambiente escolar.

Na visão de Abramovay (2002), a violência escolar apresenta inúmeras causas e consequências, sendo que o “papel de uma análise sociológica é conhecer e interrogar sobre as categorizações de um dado problema social”. Com base na perspectiva da ‘Cultura de Paz’ da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), a pesquisadora estudou a questão da ‘Violência nas Escolas’ (2002, grifo nosso).

Elias (2011, p. 32) expõe a tese de que a violência se apresenta no plano cultural, e por conta disso é “socialmente aprendida”. Com isso, defende que, por meio de programas educativos que possibilitam a solução de conflitos, é possível reverter o fenômeno da violência. Essa linha teórica entende que “os comportamentos violentos podem ser – através de ações educativas – desconstruídos e prevenidos”. Neste contexto, na categoria das violências ocorridas entre os alunos, destaca-se o *bullying*.

Williams (2003, p. 2) apresenta resultados de pesquisas que demonstram a estreita relação entre a pessoa com necessidade especial e os variados tipos de violência, tais como os maus tratos, a negligência dos responsáveis e o abuso sexual. A autora destaca ser enorme a “assimetria das relações de poder” entre o indivíduo deficiente e seu agressor, por aquele encontrar-se numa posição de vulnerabilidade, e acrescenta que tal “assimetria de relação hierárquica é multiplicada, conforme a severidade de cada caso, sendo ampliada se a pessoa com necessidades especiais pertencer a um grupo de risco”, a exemplo, se for criança ou mulher.

Dados do conhecido *Observatório da Violência* da APEOESP<sup>4</sup> atualizam a discussão sobre o tema em foco. Em 16/09/2014 foi apresentado o resultado da pesquisa *Violência nas escolas: o olhar dos professores*, realizada anualmente pela APEOESP, desde 2006. O levantamento de 2013 mostrou que 83% dos alunos afirmaram ter sofrido algum tipo de agressão. Contraditoriamente, os alunos também são os maiores praticantes de atos de violência. De acordo com a pesquisa, 95% dos estudantes praticaram agressões físicas, verbais e *bullying*.

**Aprendizagem e desenvolvimento: quando o não ensinar e o não aprender constituem-se em violência**

Com base no exposto, indagamos: quando a escola não cumpre o seu papel de ensinar a contento impactando negativamente na aprendizagem do aluno não se tem um quadro notório de violência? Esse questionamento decorre daquilo que a PHC apresenta sobre aprendizagem e desenvolvimento humanos.

---

<sup>4</sup> Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

Consideramos que os estudos sobre aprendizagem e desenvolvimento humano têm como expoentes principais os psicólogos russos L. S. Vigotski<sup>5</sup> (1896-1934), A. N. Leontiev (1904-1979) e A. R. Luria (1902-1977). Para as finalidades da formação PDE, o embasamento teórico-metodológico teve como sustentação os escritos de Vigotski (2010), Barroco (2007), Moreira (2011), entre outros.

Vigotskii (1998) diferencia aprendizagem e desenvolvimento como fenômenos humanos distintos, mas imbricados. Quanto mais se ensina algo a alguém, mais ele pode apropriar-se do ensinado. Essa apropriação provoca o movimento do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que são norteadas pela consciência. Ao contrário de outras teorias, a vigotskiana concebe que o amadurecimento decorre da aprendizagem – daí o papel fundamental da escola ensinar os conteúdos curriculares com afinco.

Barroco (2007, p. 25) explicita que “Vigotski reconhece que o desenvolvimento humano se realiza sob um processo dinâmico, sob um dado movimento de ordem material objetiva, e sempre em relação a uma totalidade”. Neste sentido, o autor “foi um dos primeiros psicólogos a fazer uma aproximação comparativa no âmbito do desenvolvimento sob a direção do materialismo”, com base na realidade prática cotidiana e concebe a “aprendizagem e o desenvolvimento humano numa relação dialética entre o que a humanidade construiu e desenvolveu e o que os indivíduos são ou poderiam vir a ser” (BARROCO, 2007, p. 278). Essa concepção diverge das ciências de sua época, que tomavam, em geral, o homem como resultado de um processo evolutivo linear e sem relação com a história.

Moreira (2011) ao escrever sobre o papel fundante da educação, sublinha que o simples ato de estar no espaço escolar, por si só, não garante que o educando se torne um sujeito participativo e transformador de seu contexto histórico-social. Para tanto, é imprescindível que ocorram intervenções pedagógicas capazes de impulsionar um novo modo de pensar, que proporcione ao indivíduo a superação daquilo que fica no campo das aparências e que o instrumentalize para a tomada de consciência, favorecendo a sua transformação e a dos envolvidos em seu meio social. Por conseguinte, a educação escolar no tocante à formação humana emancipadora, pauta-se pelo ensino dos saberes filosóficos, científicos e artísticos.

Barroco (2007, p. 115, 273) ao pontuar sobre os pressupostos vigotskianos destaca que: *i)* é preciso situar o homem no tempo e no espaço; *ii)* o ato pedagógico é político e tem comprometimento com a nova sociedade; *iii)* a cultura é produto da vida e da atividade social do homem; *iv)* as intervenções teórico-práticas intencionais e coerentes são condições essenciais à superação do capitalismo; e *v)* a história é fundamental no processo de construção de uma escola crítica e progressista.

Barroco (2007) exprime os pressupostos vigotskianos em forma de uma proposta prática para a educação na sociedade contemporânea, que considere como componentes de fato e de direito todas as pessoas. A autora acredita que a educação contemporânea se defronta com a defesa de uma proposta de sociedade que respeite as diferenças em suas diversas manifestações, tais como: raciais, sociais, econômicas, religiosas, sexistas, sem esquecer das pessoas com NEE. No âmbito da educação escolar demanda que as escolas comuns se preparem para receber esses indivíduos diferenciados.

Assim, o não ensinar a contento os conteúdos que provocam movimento no desenvolvimento do pensamento verbal, do raciocínio lógico e abstração, da memória mediada, da atenção voluntária, etc. implica em se assumir a opção de negar a uma dada população ou a

---

<sup>5</sup> Considerando a diversidade de grafias para o nome de L. S. Vigotski, adotamos a presente forma: Vigotski, salvo em caso de citações ou referências.

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

um dado aluno a possibilidade de vir a ser alguém mais desenvolvido. Isso não seria extremamente violento, impedir alguém ao desenvolvimento? Os apontamentos feitos por Barroco (2007) possibilitam que se discuta sobre a temática desse estudo, pois observamos que dentre os docentes existe a concepção de que a violência é um fenômeno que se origina nas ruas e invade a escola. De forma convergente, Candau (2012, p. 144) sustenta que muitos destes professores têm dificuldades para “identificar formas de violência geradas pela própria escola”, porque não consideram a “cultura escolar como fonte de violência”.

A violência no cotidiano escolar se reflete nas representações que os alunos (e os professores) fazem da escola. Por um lado, é vista “como um lugar para a aprendizagem”; por outros, “como um local de exclusão social”, espaço onde se reproduz violência, discriminação física, moral e simbólica. Um estudo da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) aponta que as diversas formas de violência “têm desdobramentos que afetam negativamente a qualidade do ensino e a aprendizagem” (ABRAMOVAY, 2002, p. 75-81).

A respeito da influência negativa da violência no cotidiano escolar, a pesquisa de Abramovay (2002, p. 84, 85) mostra que para 44% dos alunos a violência na escola prejudica sua aprendizagem e seu rendimento acadêmico. Já 31% admitem “ficar nervosos e revoltados com as situações de violência que enfrentam nas escolas”, sendo que “a terceira mais mencionada consequência da violência no ambiente escolar, registrada pelos alunos, é a perda da vontade de ir à escola”. Assim, a violência na escola impacta no processo de aprendizagem, pois o aluno exposto a tal situação pode sentir-se desmotivado ao estudo, apresentando baixo rendimento acadêmico, culminando com a evasão escolar.

Neste sentido, é papel fundante da escola proporcionar condições favoráveis à aprendizagem e ao desenvolvimento do aluno. A negligência quanto aos fatores, tanto internos quanto externos, que afetam decisivamente no processo educacional é o “calcanhar de Aquiles” de tal processo. A violência na escola e o *bullying* são ações perniciosas que afetam negativamente a aprendizagem e o desenvolvimento dos educandos, de forma particular os alunos com NEE.

#### **Da intervenção pedagógica: apontamentos dos encontros**

Primeiro encontro: *Filhos do paraíso*

A obra iraniana trata de diversas temáticas, tais como: a pobreza extrema, o trabalho infantil, a perda da infância, a dificuldade de acesso aos bens de consumo. O encontro teve como objetivo central abordar como o desenvolvimento do sistema econômico de produção não garante que os alunos, sobretudo os mais pobres, tenham acesso aos bens culturais elaborados pela humanidade. Tal oportunidade permitiu a reflexão sobre as diferenças socioeconômicas e a pobreza como fator gerador de violência e exclusão.

O filme aborda a questão da realidade social pela ótica de duas crianças, a partir da relação de dois irmãos, Ali e Zahra, retratando a cumplicidade destes ao revezarem um único par de sapatos para irem à escola. Percebemos que os personagens têm consciência da sua realidade social, e que prematuramente amadurecem, já que a infância dá lugar aos dilemas do mundo adulto. Tal percepção se consumou no debate realizado, embora os alunos cursistas não notassem, num primeiro momento, a violência e exploração sob nenhuma forma, nem pela dificuldade de acesso à escola, nem pela falta do par de sapatos dos protagonistas do filme, o que reflete a naturalização de outras formas de violência e exploração a que também estão submetidos em sua vida cotidiana. Iniciamos um trabalho de reflexão sobre o convívio com as resultantes violentas das relações de classes sociais antagônicas.



XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

Segundo encontro: *O primeiro da classe*

O filme retrata a vida de Brad Cohen, um jovem com *Síndrome de Tourette*, que segundo Hounie e Petribú (1999) é um distúrbio neuropsiquiátrico caracterizado por tiques motores e/ou vocais, repetidos e persistentes, que geralmente se instala na infância, não tem cura, mas pode ser paliativamente tratada. Brad sofre várias situações de *bullying*, vive momentos de rejeição, preconceito e discriminação, sendo que seu grande desafio foi buscar independência financeira e reconhecimento profissional, já que não se conformava em depender de benefícios sociais do Estado. Após vencer muitos desafios, torna-se professor!

A implementação se propôs a trabalhar a inclusão da pessoa com deficiência, com o objetivo de compreender como a sociedade considera cada indivíduo, com e sem deficiência, em suas limitações, potencialidades e particularidades, bem como o aparato legal que sustenta tal relação. Com o objetivo de fazer os alunos experienciarem algumas deficiências, estes foram divididos em 04 grupos, participando de um café inclusivo, sendo que o primeiro grupo teve os olhos vendados, o segundo as mãos amarradas, o terceiro usou fones de ouvido e o quarto foi vendado e usou fones de ouvidos. Todos receberam comandos para se alimentarem, mesmo com as “deficiências” acima descritas, sendo posteriormente questionados sobre essa experiência, onde relataram a dificuldade em executar as ordens e de como foi fundamental a ajuda que tiveram uns dos outros.

Refletimos sobre questões presentes no filme a partir do ambiente escolar. Apesar dos alunos manifestarem empatia com a história de Brad, talvez devido ao envolvimento emocional que a obra norte americana (USA) proporcionou, constatou-se que as mesmas dificuldades encontradas pelo protagonista seriam observadas de forma amplificada na escola. Tal experiência levou os alunos a constatarem que pessoas com deficiência que fazem uso das instalações do colégio provavelmente encontram as mesmas ou maiores dificuldades que Brad. Os alunos verificaram a acessibilidade arquitetônica da escola.

Terceiro encontro: *Meu nome é rádio*

Na obra apresentada, vários personagens simbolizam o preconceito arraigado na sociedade, despreparada para conviver com pessoas que não se adequam ao que consideram o modelo “normal” de cidadão. Rádio, protagonista do filme, apresenta dificuldades de aprendizagem e dificuldade para inserir-se socialmente, e assim necessita de atendimento pedagógico diferenciado. Procurou-se levar os alunos cursistas à reflexão, no intuito de fazê-los perceber a relação entre o caso abordado no filme e casos ocorridos na realidade escolar.

No debate junto aos alunos observou-se que a mera institucionalização do acesso à ‘Educação para Todos’, representada pelos documentos legais e políticas públicas voltadas à educação inclusiva não garantem o pleno desenvolvimento do educando, quando se considera o cotidiano marcado pela violência escolar e *bullying*. Sabemos que realizar a inclusão não é tarefa fácil; é necessário que todos os integrantes da sociedade modifiquem conceitos, ideias e juízos de valor, na perspectiva de promoverem a inclusão social de indivíduos com e sem deficiência.

Sendo assim, observou-se que a violência na escola e o *bullying* prejudicam a inclusão e o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, com e sem deficiência, por privá-los de seus direitos fundamentais, uma vez que tais práticas cerceiam o seu aprendizado – isso em si já seria uma forma de violência. O problema se mostra mais difícil de ser superado quando a pessoa, além de deficiente é pobre, como o caso do protagonista.

Quarto encontro: *Mãos talentosas*

Pensar sobre o papel da educação formal na emancipação humana e refletir sobre a função da escola foram os objetivos do quarto encontro. Antes de exibí-lo, propôs-se a reflexão:

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

qual a importância da escola em sua vida? As respostas demonstraram que os alunos não têm clareza da função da escola, nem ao menos percebem qualquer influência desta em suas vidas. Usaram chavões como: “para ter um futuro melhor” ou “para conseguir um bom emprego”, mas não foram capazes de demonstrar a importância da escola para o desenvolvimento intelectual do indivíduo.

Na obra, verificamos que Ben Carlson, o protagonista, sofreu vários tipos de violência, mas com a ajuda da mãe e sua dedicação extrema aos estudos, superou as adversidades: preconceito, dificuldade de aprendizagem, pobreza, e atingiu o sucesso escolar e profissional. Discutimos sobre a importância do estudo formal no processo de desenvolvimento do sujeito, o que levou a reflexão sobre o quanto é necessário a dedicação e o empenho nos estudos a fim de se atingir o objetivo proposto. Chamou atenção dos alunos o papel da coadjuvante, Sonya Carlson, mãe de Ben, que foi decisiva no processo emancipatório do filho, o que raramente ocorre na realidade cotidiana destes alunos, ao menos a partir de suas percepções. Neste sentido, foi sugerido que o filme fosse exibido em outros momentos, com outros segmentos da comunidade escolar.

Quinto encontro: *Uma viagem inesperada*

Baseado em uma história real, o filme revelou a luta de uma mãe que encontrou dificuldades para inserir seus filhos, gêmeos autistas, no ensino regular, o que permitiu a discussão sobre o processo de inclusão no cotidiano da escola. Ademais, discutimos e analisamos as propostas de políticas inclusivas. A luta da mãe revela uma trajetória de combate, em que foi preciso vencer as barreiras atitudinais e enfrentar o preconceito em relação a deficiência, além de conscientizar as pessoas de que é necessário respeitar as diferenças. Os cursistas se interessaram pelo enredo do filme, bem como discutiram a temática envolvendo a inclusão de pessoas com deficiência.

Em nossa discussão teórica abordamos o teorizado por Barroco (2007b, p. 186), que destaca ser papel fundante da escola “ir para além da reprodução das atividades cotidianas”. O foco da discussão teve como ápice o debate sobre o papel da escola como agente promotor da emancipação humana, já que no dilema enfrentado por Corrine e seus dois filhos, observou-se que a escola não cumpriu com tal função social, pois a mãe teve que recorrer a professores particulares para complementar esse processo de formação, em que pese sua restrição orçamentária, o que impediu que este atendimento perdurasse. Os alunos concluíram que a mãe atingiu esse ideal, pois seus filhos desenvolveram seus talentos e atingiram autonomia intelectual.

A obra possibilitou a reflexão de que, mesmo sem um diagnóstico em mãos, muitas vezes limitamos nosso aluno ao rotulá-lo de indisciplinado e incapaz. A experiência cotidiana da presente professora PDE apresenta inúmeros relatos e casos que reforçam tal perspectiva, já que tanto alunos, como pais e professores legitimam tal processo discriminatório e preconceituoso, quando não tratam cada caso em sua especificidade. Desta forma, apenas reproduzem a violência, o *bullying* e outras práticas perniciosas, não avançando para “águas mais profundas”.

Sexto encontro: *Vermelho como o céu*

Para esse encontro planejamos apresentar apenas excertos do filme *Vermelho como o Céu*, uma produção italiana que abordou várias temáticas, dentre elas: a dificuldade em aceitar uma deficiência adquirida, o *bullying* contra a pessoa deficiente e a paixão pelo cinema. O filme narrou a história verídica de Mirco Mencacci, um garoto de dez anos, que após perder a visão em um acidente com arma de fogo foi obrigado a estudar num internato, com atendimento especial para cegos. Mirco, que passou a enxergar apenas vultos, teve que se adaptar a essa nova condição e ao novo local de estudo.

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

Iniciamos o encontro com uma dinâmica cujo objetivo foi fazer com que o aluno cursista compreendesse a importância de se colocar no lugar do outro, uma experiência de alteridade. Os materiais utilizados foram: lenços que serviram de vendas para os olhos e um cronômetro. O professor PDE encaminhou o grupo até a quadra esportiva, onde propôs uma corrida de 100m, com o diferencial de que correram de olhos vendados. Ganhou o aluno que primeiro chegou ao ponto indicado. Após esta dinâmica, propusemos a discussão sobre a experiência vivenciada. Na sequência apresentamos um vídeo com atletas paralímpicos, destacando seus recordes e conquistas nos diversos esportes, com a seguinte reflexão: quão eficiente é o deficiente?

Em roda de conversa os cursistas refletiram sobre a questão proposta anteriormente e discutiram também sobre o quanto deve ser difícil uma deficiência adquirida. De forma complementar, usando o exemplo de atletas paralímpicos, que superam suas deficiências sendo eficientes, apontamos que uma deficiência adquirida também, por outro lado, não representa o fim da linha. Sob outro aspecto ainda, a piedade com que tratam um colega de escola acometido por um acidente ou por uma doença degenerativa que o torna deficiente, revela a naturalização com que incorporam no cotidiano aqueles que já nasceram deficientes. Também não é difícil àquele que já nasceu deficiente conviver cotidianamente num ambiente que não é produzido e pensado para ele?

Sétimo encontro: *Prova de fogo*

Neste encontro, debatemos sobre as altas habilidades e a superdotação, que integra a modalidade da educação especial. Também discutimos sobre a inteligência em suas diferentes formas e do sucesso escolar de alunos. Os objetivos foram reconhecer a escola como espaço de aprendizagem que possibilita ao aluno, com e sem deficiência, o desenvolvimento das suas potencialidades, bem como refletir sobre a função da escola para além dos conteúdos obrigatórios, incluindo as artes, a cultura e a ciência como suporte do processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Dentre as considerações oriundas da reflexão proposta, chamou a atenção a discussão sobre a aprendizagem de alunos com altas habilidades e superdotação (AH/SD). Estes formam um grupo pouco assistido pelo sistema educacional brasileiro, uma vez que existem escassos programas voltados para o seu atendimento. Conforme Alencar & Fleith (2008), da mesma forma que a escola não está devidamente preparada para maximizar o potencial de aprendizagem de alunos que apresentam um atraso no seu desenvolvimento, o mesmo acontece em relação a aqueles que apresentam potencial cognitivo, inteligência ou criatividade acima da média.

Entre os cursistas, quatro alunos eram de AH/SD e puderam relatar a importância em receber atendimento na sala de altas habilidades. Eles compartilharam como é a dinâmica da sala especializada e da satisfação em ter esse atendimento suplementar, pois o ambiente favorece a visão à criatividade e ao desejo de querer saber sempre mais sobre qualquer assunto. A interação entre alunos com AH/SD e com deficiência intelectual (DI) permitiu que nesta troca de saberes e experiência, alunos DI julgassem-se ser potenciais alunos da sala de AH/SD, por possuírem algumas habilidades que consideram especiais. O caso de um aluno DI que em todos os encontros montou os equipamentos de multimídia para exibição dos filmes, possui habilidades tecnológicas, toca instrumentos musicais, e se manifestou como capaz de frequentar a sala de AH/SD, uma vez que se considera apto e possuidor de habilidades especiais, chamou a atenção.

Oitavo encontro: *Em um mundo melhor*

No último encontro, apresentamos o filme *Em um Mundo Melhor*, que retrata de maneira abrangente a violência social e de forma específica a violência na escola e o *bullying*,

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

versando sobre como o indivíduo pode ser forte sem ser violento. Nosso objetivo foi entender como ocorre a violência e o *bullying* na escola e suas implicações junto aos envolvidos, além de promover a sensibilização e tomada de consciência dos alunos, quanto às práticas de violência e *bullying* na escola, bem como propiciar o apoio aos alunos, com conhecimentos efetivos que os capacitem para a superação dos conflitos existentes no contexto da escola.

Como atividade complementar de avaliação da intervenção, solicitamos aos cursistas que comentassem sobre o que lhes foi acrescentado a partir das atividades, dinâmicas, leituras e reflexões realizadas, e se eles pretendem colocar em prática o que foi abordado nos encontros. Foi promovido um debate, no qual os cursistas apontaram que o estudo realizado em 08 encontros, tendo o uso de filmes como estratégia de trabalho, contribuiu para a reflexão sobre a questão da violência escolar e *bullying*, bem como o entendimento sobre o processo de inclusão de alunos especiais nas salas de ensino regular, além de conhecimento sobre algumas deficiências. Situações que nem lhes pareciam conflitivas foram suscitadas pelos filmes, e relacionadas com a prática escolar. Não tinham uma dimensão adequada do quanto somos impactados pelas relações travadas na escola, e quanto essas

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central da referida formação PDE foi compreender como a violência escolar e o *bullying* ocorrem na relação cotidiana dos alunos com ou sem deficiência, no espaço escolar. Observamos que, embora os estudos teóricos apresentem um significativo aumento de publicações sobre *bullying* e violência na escola entre sujeitos com e sem deficiência, seus resultados nem sempre são conclusivos sobre as causas e os enfrentamentos. A experiência, por meio da intervenção pedagógica, pode jogar luz sobre algumas destas searas escurecidas de entendimento sobre a temática deste artigo.

A formação teórica, com pesquisa bibliográfica, e a intervenção pedagógica permitiram entender formas como ocorrem a violência escolar e o *bullying* e quais suas implicações aos envolvidos nas escolas. Também, foi possível um estudo exploratório do emprego de estratégias de ação que promoveram a sensibilização e a tomada de consciência dos alunos com NEE de salas de recursos e AH/SD, quanto às práticas de violência e *bullying* no contexto escolar. Pelo desenvolvido, entendemos que houve o início de um *apoio* (denominado na área de educação inclusiva de *empoderamento*) aos alunos com conhecimentos efetivos que os capacitaram a identificar e buscar a superação de conflitos.

Podemos dizer que o desenvolvimento do trabalho pedagógico junto aos educandos sobre questões que envolvem a violência escolar e o *bullying*, sob a perspectiva da Psicologia Histórico-cultural, tendo os filmes como recursos, mostrou-se exitoso. Em avaliação institucional, houve a indicação, por parte da direção escolar, que o trabalho tenha continuidade nos próximos anos.

Concluimos, pois, que se a violência não é unicamente da escola, mas da sociedade e do homem contemporâneos, o seu enfrentamento nas instituições educacionais deve ser realizada subsidiada pela teoria, e em busca da formação do sujeito criador e criativo. A escola, quando deixa, por diferentes razões de ensinar quanto poderia, também incentiva aos sujeitos relacionarem-se entre si e com o mundo de modo mais direto, sem mediações, e, por isso, não mediatizados pelo pensamento, pela consciência. Isso em muito concorre para situações de *bullying* e de violência. A escola inclusiva deve dirigir-se em busca dessa formação humana (Barroco e Souza, 2012).

### REFERÊNCIAS

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

ABRAMOVAY, M. **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, 2002.

ATCHINSON, D. **Prova de Fogo (Akeelah and the Bee)**. Produção: Llewelyn, D. Fishburne, L. Roteiro: Atchinson, D. Direção: Atchinson, D. Duração: 112 minutos. Gênero: drama. Classificação etária: 12 anos. Distribuição: Vídeo Filmes. EUA, 2006.

BARROCO, S. M. S. **A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L. S. Vigotski**: implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais. Tese de doutorado apresentada na Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita – Campus de Araraquara, 2007.

BARROCO, S. M. S. **Psicologia Educacional e Arte**: uma leitura histórico cultural da figura humana. Maringá: Eduem, 2007b.

BARROCO, S. M. S.; SOUZA, M. P. R. Contribuições da Psicologia Histórico-cultural para a formação e atuação do psicólogo em contexto de educação inclusiva. **Psicologia USP**, São Paulo, 2012, 111-132.

BIER, S. **Em um mundo melhor (Haevnen)**. Produção: Jørgensen, S. G. Roteiro: Bier, S. e Jensen. A. T. Direção: Bier, S. Duração 119 minutos. Gênero: Drama. Classificação etária: 12 anos. Distribuição: Media e Film Fyn. Dinamarca / Suécia, 2010.

BORTONE, C. **Vermelho como o Céu (Rosso come il Cielo)**. Produção de Bortone, C. e Mazzocca, D. Roteiro: Bortone, C., Zapelli, M. e Sassanelli, P. Direção Bortone. Duração 95 minutos. Gênero: drama. Classificação etária: 12 anos. Distribuição: Califórnia Filmes, Itália, 2004.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Imprensa oficial, 1988.

BRASIL. Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. **Diário Oficial da União**, Brasília, Out, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDBN 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC, 1996.

CANDAU, V. M. Direitos Humanos, violência e cotidiano escolar. CANDAU, V. M. **Reinventar a escola**. 8. Ed. Rio de Janeiro, Vozes. 2012. p. 137 - 166.

CARTER, T. **Mãos Talentosas (Gifted Hands)**. Produção: Sony Pictures. Roteiro: Pielmeier, J. Direção: Carter, T. Duração 86 minutos. Gênero: drama. Classificação etária: 12 anos. Distribuição: Sony Pictures Entertainment, EUA, 2009.

CHAMPION, G. **Uma Viagem Inesperada (Miracle Run)**. Produção: CHAMPION, G. **Roteiro: Maples, M. Direção: CHAMPION, G. Duração 120 minutos. Gênero: drama.** Classificação etária: livre. Distribuição: Granada Entertainment. EUA, 2004.

ELIAS, M. A. **Violência Escolar**: caminhos para compreender e enfrentar o problema. 1. Ed. – São Paulo: Ática Educadores, 2011.

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 7. ed. Campinas: Verus Editora, 2012.

LOPES NETO, A.A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria On-line. Vol. 81, nº. 5 (supl.), p. 164-172, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S005572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S005572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em 17 de Jun. de 2014.

MAJIDI, M. **Filhos do Paraíso (Bacheha-Ye aseman)**. Produção de Esfandiari, A. e Esfandiari M, roteiro de MAJIDI, M., direção de MAJIDI, M. Duração 89 minutos. Gênero: drama. Classificação etária: livre. Distribuição: Buena Vista International / Miramax Films, Irã, 1998.

MOREIRA, L. C. G. M. **O atendimento educacional à pessoa com deficiência intelectual com severo comprometimento**: contribuições da psicologia histórico-cultural. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, 2011.

PARANÁ. **Lei complementar 130 - 14 de Julho de 2010**. Regulamenta o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Curitiba: Casa Civil, 2010. Disponível em <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=56184&indice=1&totalRegistros=2>. Acesso em 14 out. 2016.

SPOSITO, M. P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=1517-970220010001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1517-970220010001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 25 jun. 2014.

TOLLIN, M. **Meu Nome é Rádio (Radio)**. Produção: Tollin, M. Robbins, B. e Gains, H. Roteiro: Rich, M. Direção: Tollin, M. Duração 129 minutos. Gênero: drama. Classificação etária: livre. Distribuição: Columbia Pictures/ Sony Pictures Entertainment, EUA, 2003.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais, 1994 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 22 jul. 2014.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, 1990. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2014.

VIGOTSKI L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIÑGOTSKI L. S. **Obras escogidas**: fundamentos da defectologia; Tomo V. Trad. Julio Guillermo Blank. Madrid: Visor Dist. S.A. 1997.

WERNER, P. **O primeiro da classe (Front of the class)**. Produção: HallMark Hall of fame. Roteiro: Gottlieb, A. e Rickman, T. Direção: Werner, P. Duração 95 minutos. Gênero: Drama. Classificação etária: livre. Distribuição: CBS Television, EUA, 2013.

WILLIAMS, L. C. de A. **Sobre deficiência e violência**: reflexões para uma análise de revisão de área. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, Jul. Dez. 2003 v.9, n.2, p.141-154, 2003.